

Magri se surpreende com as medidas propostas por Zélia

por Rodrigo Mesquita
de São Paulo

Antônio Rogério Magri reagiu com surpresa às medidas de emergência anunciadas em Roma pela economista Zélia Cardoso de Melo que sinalizam uma recessão no enfrentamento da crise econômica pelo futuro governo. "Não posso acreditar que o Collor faça isso. Se fizer os sindicatos não vão aceitar, o movimento sindical não aceita nem em tese a palavra recessão", disse o presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores.

Magri afirmou ainda que, caso o governo Collor venha a empregar medidas recessivas, será oposição desde o primeiro dia. O líder do "sindicalismo de resultados" e principal apoio de Fernando Collor no movimento sindical entende que uma recessão só pioraria a situação atual do País. "Em qualquer país do mundo", reflete ele, "já estariamos numa revolução".

Na próxima reunião da executiva da CGT dia 20 em Natal no Rio Grande do Norte, Magri diz que "sairão com uma medida dura", denunciando a situação atual e prevenindo contra uma possível recessão. "Se a executiva topar, va-

"Ela vem por ela mesma"

O empresariado do Pólo Petroquímico de Camaçari na Bahia considera inevitável que o País experimente nos próximos meses "um certo grau de recessão", como consequência da aceleração do processo inflacionário. O presidente do Sindicato das Indústrias Petroquímicas e de Resinas Sintéticas da Bahia (Sinper), José de Freitas Mazzarenhas, revelou ontem que a recessão já ronda o setor, na forma de uma redução de consumo observada desde outubro do ano passado, informou a Agência Glo-

"Chega um ponto em que a recessão vem por ela mes-

ma" — afirmou — acrescentando que no setor petroquímico a retração da demanda ainda não ocorre de maneira global, mas já começa a afetar um grande número de indústrias, principalmente as dos segmentos de termoplásticos e de fibras, justamente os que mais vinham crescendo em vendas.

Os industriais de Camaçari estão convencidos, conforme o presidente do Sinper, de que o novo governo adotará medidas recessivas. "Se não diz, é por tática" e acreditam que não há hipótese de controlar a inflação de forma ortodoxa sem reduzir o ritmo da economia.

mos propor uma paralisação de alerta, chamando a sociedade à reflexão." O presidente da CGT junta-se assim às outras duas grandes expressões do sindicalismo brasileiro, que já ensaiaram mobilizações concretas nesse sentido.

Primeiro foi a Central Única dos Trabalhadores — CUT — que propôs o salário semanal e lançou uma campanha de mobili-

zação contra a recessão. Depois veio Luis Antonio de Medeiros, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos e compadreiro de Magri na liderança do "sindicalismo de resultados" que chamou a Fiesp para discutir salários em BTN.

BOIS NO MATADOURO

Magri acha "que as pes-

soas não podem assistir pacificamente" a atual crise, pela qual culpa o "desgoverno" do presidente José Sarney. "A coisa está indo para o imponderável", afirma, comparando a situação dos trabalhadores a "bois numa fila do matadouro".

Sobre as medidas anunciamos por Zélia — aumento do seguro desemprego, criação do ticket cesta básica e aumento no prazo do aviso prévio —, Magri foi incisivo. "Isso é balela, a solução é criar emprego e não barrar a demanda. Não dá para aceitar muletas", afirmou. Nós, trabalhadores, já fomos roubados demais e o sacrifício tem que ser distribuído justamente". "Nós podemos ter uma quota de responsabilidade, mas não podemos admitir tirarem o nosso dinheiro."

Magri disse que já tentou, sem sucesso, entrar em contato com Gilmar Carneiro dos Santos, secretário geral da CUT, para conversar sobre a campanha que a entidade está levando "no plano político-ideológico, não existe a possibilidade de chegar a uma unidade mas, se for para defender os interesses econômicos dos trabalhadores, 'faço mobilização conjunta'".